



EXTENSÕES DO CONCEITO DE POLÍTICO: UM BREVE DIÁLOGO ENTRE AUTOR

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3615

Thaysa Lauara Loiola Stabelini, UEL

Resumo

O presente trabalho objetiva compreender o conceito de político estabelecido por Rosanvallon para além de questões partidárias pelo poder através de um diálogo entre os diferentes autores como Di Giorgi, Elias, Glasnner, Sotello e T. H Marshal, relacionando suas abordagens ao momento político atual, e à discussões presentes em minhas pesquisas, que tem como temática a História da Hanseníase no Paraná. A metodologia utilizada consiste em levantamento bibliográfico qualitativo. Analisando todas as esferas que permeiam a vida humana em busca do que Rosanvallon chama de uma “História Política Total”, busca-se o que o autor chama de “retorno ao político”, um conceito diretamente ligado à centralidade em torno da democracia e sua problemática natureza, devido a ascensão do nacionalismo e as crises dos Estados de bem-estar social, concluindo-se, assim, que a formação e as extensões do Político estão presentes desde as notícias midiáticas às até as expressões de sentimentos dentro de um campo de futebol, em casa e nas relações sociais diárias, no contato com os imigrantes e pessoas “diferentes”, no uso de termos para referência às ideias e vontades, na construção de discursos como o discurso médico e nas diversas formas de relação social nas quais somos inseridos desde os nossos nascimentos. Conclui-se também que atentos para estas questões, muitas perspectivas e novas análises podem ser acrescentadas e desenvolvidas no ofício do historiador, inclusive na compreensão de questões do tempo presente, como os movimentos migratórios e demais acontecimentos que, certamente, fazem parte de todas as esferas do político.

Palavras Chave:

Sociabilidade; História Política; Político; Pierre Rosanvallon.

Introdução

Referir-se ao político e não à política, é falar do poder da lei, do Estado e da Nação, da igualdade e da justiça, da identidade e da diferença, da cidadania e da civilidade; em suma, de tudo aquilo que constitui a polis para além do campo imediato da competição partidária pelo exercício do poder, da ação governamental cotidiana e da vida ordinária das instituições. (ROSANVALLON, 2010, p.73)

Partindo desta afirmação, a presente pesquisa objetiva compreender o conceito de político estabelecido por Rosanvallon para além de questões partidárias pelo poder através de um diálogo entre diferentes autores como: De Giorgi, Elias, Glasner e Sotello, relacionando suas abordagens ao momento político atual e às discussões presentes em minhas pesquisas, que tem como temática a História da Hanseníase no Paraná, considerando que a partir de tais leituras é possível compreender como as dimensões do Político são extensas a todas as áreas da História humana, atingindo também as dimensões que vão além da vida pública, alimentando sentimentos como paixões, ressentimentos, memórias e questões que vão além do que é visto no sentido da Política enquanto área exclusiva de ações e movimentos partidários.

Consideradas tais questões, buscarei também estabelecer e analisar a relação e as contribuições de tais textos com o meu objeto de pesquisa e as minhas intenções para o desenvolvimento da minha Dissertação, na qual pretendo desenvolver um trabalho que justamente analisa a ligação entre questões políticas e ideológicas com o processo de institucionalização e desinstitucionalização de ações (médicas, sociais e políticas) relacionadas à hanseníase no estado do Paraná, realizando um diálogo tanto entre os autores da área de História Política quanto

entre estes e os autores que utilizo em minha pesquisa, pois, desta forma, é possível compreender como as questões tratadas pelos mesmos podem ser melhor problematizadas e, dialogadas, levarem tanto à novas formas de olhar quanto de problematizar e interpretar situações do passado e principalmente do presente. Além disso, tais questões serão relacionadas de forma objetiva aos pontos que permeiam o tema proposto em meu plano de pesquisa, cabendo, assim, citar e relacionar as ideias entre autores.

A presença do Político nas diversas esferas da História humana

Considerando os estudos de Pierre Rosanvallon em “Por uma história do político”, pode ser perceber que o “político” e a noção de cultura política remetem a um outro tipo de abordagem, na qual a esfera da política é alargada e dá espaço às formas de sociabilidades, às estratégias dos grupos sociais e dos indivíduos, tornando-se assim, um modelo diferente de história total. Com base nesta leitura é possível estabelecer, então, de que modo questões políticas (não entendidas aqui apenas às relacionadas com partidarismo) exercem influência e até mesmo são determinantes na cultura, no comportamento, na criação e exercício de imaginários sociais e nas diversas esferas das ações e relações humanas. Tendo em vista essa abrangência do político, é possível compreender como tais questões também podem ser analisadas no sentido das formas de controle social e das questões de saúde e políticas públicas, (o que busco realizar nas minhas pesquisas atuais). Analisar as doenças do ponto de vista político e social em que as mesmas se desenvolvem vai de encontro ao que Rosanvallon chama de “Político”.

Tendo em vista que as doenças não têm apenas consequências patológicas, mas também culturais e sociais, é possível refletir sobre como os indivíduos são considerados doentes de acordo com o período e sociedade em que

vivem e, também, como são construídos discursos que fundamentam as práticas mais diversas em relação aos mesmos, legitimando ideologias e formas de controle social e alimentando o imaginário criado nas pessoas através de notícias¹ e circulação de informações orientadas pelos interesses das forças políticas, ou como considera Elias, dos grupos estabelecidos².

Norbert Elias: Relações Sociais, Comportamentos e Imaginários Sociais

Norbert Elias prossegue com a reflexão e análise acerca das relações sociais e das concepções próprias dos indivíduos em sua obra “O Processo Civilizador” analisando o processo que leva não apenas à racionalização, mas também a questões psicológicas do desenvolvimento humano e como estas são estendidas nas ações e consequências dessas ações, criando normas, leis e levando a expectativas de comportamentos considerados “civilizados”. Tal obra é muito importante na compreensão da extensão do político a todas as esferas da vida e ação humana. O autor destaca, especialmente no Ocidente, as questões acerca do desenvolvimento do autocontrole, enfatizando a sincronização da conduta humana nos territórios mais amplos e como esta sincronização leva os indivíduos a pensarem e agirem considerando não apenas as suas expectativas e intenções, mas também a sociedade na qual vivem e as demais pessoas. O autor destaca que:

A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem. Mostramos como o controle efetuado através de

terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. (ELIAS, 1993, p.194)

Considerando tal processo, pode-se pensar em como a construção deste autocontrole e as pressões externas influenciam as pessoas nas suas ações, levando em consideração o convívio destas com as demais e, portanto, suas vidas sociais e até mesmo a percepção que têm de si mesmas. Isso pode ser percebido de forma muito clara quando se estuda os depoimentos de pessoas que sofreram com o internamento compulsório por serem portadoras do bacilo-de-hansen. Segundo Pedrosa (1991, p.29) “O desfiguramento traz sérios problemas de ajustamento para os indivíduos, como repercussão ao nível de personalidade, sobretudo naquelas culturas e sociedades que supervalorizam a atratividade física e a beleza.”. Tendo ciência disso, o próprio doente tendia a, como citou Elias, renunciar suas vontades para manter em equilíbrio as redes de interdependência às quais está inserido desde o seu nascimento e que, através da sua consciência, sabe que suas ações ou resistências podem levar às consequências que não afetariam somente a si mesmo. (ELIAS, 2000). No caso dos enfermos de lepra, estas consequências seriam relacionadas ao contágio da população “sadia”, assim, no período em que o isolamento compulsório se apresentava como única alternativa para evitar este problema, os mesmos acabavam por submeter-se às determinações do poder público e dos

¹ Para melhor problematizar e compreender estas ações, será utilizada no decorrer do presente trabalho a obra de Barry Glassner: “A cultura do medo”.

² “Grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto representam) como humanamente superiores. O sentido literal do termo ‘Aristocracia’ pode servir de exemplo. (ELIAS,2000, p.10)

médicos, como demonstra Elias (2000, p.208): “[...] uma função situada na junção de tantas cadeias de ação exige uma alocação exata de tempo, acostuma as pessoas a subordinarem suas inclinações momentâneas às necessidades superiores de interdependência.” Sobre isso, afirma Cabral que: “Uma das grandes premissas do projeto era a permanência espontânea dos doentes, um ato de resignação destes, compensado pela caridade da sociedade.” (CABRAL, 2004, p.106). Após esta análise, na obra “Os Estabelecidos e os Outsiders” Elias estende as discussões acerca destas relações, levando à reflexão sobre como, porquê e de que maneira um grupo se considera superior, como mantém e estende este “poder” sobre os considerados inferiores” e como se cria um imaginário dentro dos próprios indivíduos considerados “inferiores” sobre si mesmos. Nesta obra é possível identificar também aspectos teórico-metodológicos, por exemplo: quando Elias se refere à utilização dos estudos a partir de uma comunidade menor (do micro) para compreensão de aspectos universais que tendem a se repetir (nem sempre exatamente nos mesmos pontos) em outras comunidades, analisando figurações correlatas em maior escala e levando assim à construção de um modelo explicativo testado e comprovado. Além da questão teórico-metodológica, Elias também contribui para melhor compreensão de alguns termos e a relação destes com as leituras que realizei até o presente momento e são ligadas à minha área de pesquisa. O exemplo a ser destacado é referente ao Estigma. Como demonstra Olinto:

O estranhamento desses outros se apresenta como uma leitura de sinais que imputem aos seus portadores uma classificação identitária deteriorada em relação ao nós, não portadores desse sinais. Tal processo não se forma somente em relação a nacionalidades ou etnias ou “raças”, também a doença pode ser um símbolo para a estigmatização. (OLINTO, 2002, p.

34. Grifo nosso)

É possível compreender como um grupo utiliza termos, ações e outras questões que colocam os demais na condição de inferiores pode ser fundamental na criação de uma imagem deteriorada dos mesmos:

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, **o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquece-lo e desarmá-lo.** (ELIAS, 2000, p.24. Grifo nosso)

Analisando uma pequena comunidade denominada Winston Parva, Elias demonstra como se dava o processo de estigmatização dos novos moradores que ali chegavam e chama a atenção para a seguinte indagação: O que fazia os moradores mais antigos se sentirem superiores? Durante o texto o autor discorre sobre a origem daquela estigmatização, mostrando que os moradores mais antigos possuíam as mesmas condições econômicas que os recém-chegados e apontando sobre como os estigmas nem sempre vêm de questões econômicas, assim como as relações de poder também nem sempre são pautadas por isso. De acordo com Elias, o fato de terem chegado antes dos demais criava no grupo estabelecido um certo poder, ao qual disseminavam a todos os seus “membros” e temiam perder se permitissem um maior contato com os outsiders. Outro ponto importante que o autor destaca, útil para análise dos demais autores que trabalho é a questão da diferença entre Preconceito e Estigmatização. De acordo com Elias, o preconceito pode ser percebido em esferas mais individuais enquanto a estigmatização é algo aplicado a um grupo de pessoas. Seguindo este mesmo raciocínio, mostra que o medo dos

estabelecidos é “se contaminarem”, como demonstra a seguir:

[...] O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior. (ELIAS, 2000, p.26. Grifo nosso)

O grupo estabelecido permanece, assim, em constante vigilância sobre si mesmo e sobre os outsiders. “A anomia talvez seja a censura mais frequente a lhes ser feita; repetidamente, constata-se que outsiders são vistos pelos grupos estabelecidos como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros.” (ELIAS, 2000, p. 27). Este conceito de anomia também pode ser encontrado na análise da situação dos imigrantes na Europa e no mundo, como será aprofundado nos estudos de Alessandro de Giorgi e Antomellon. A relação com a lepra pode-se ser analisada tomando esta ideia como pressuposto, pois os doentes foram alvo de um verdadeiro policiamento e não só da estigmatização externa, mas levados a pensar, como aborda Elias, que eram “humanamente inferiores”, ou seja, a inferioridade de poder frente a doença era vista por eles também como um sinal de inferioridade humana:

[...]porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior dos seus inferiores sociais. Com frequência, os próprios nomes dos grupos que estão numa situação de outsiders, trazem em si, até mesmo para ouvidos de seus membros, implicações de inferioridade e desonra. A estigmatização,

portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. (ELIAS, 2000, p.27)

Tal fato pode ser comprovado ao se analisar a situação dos doentes no decorrer do tempo. Muitos, por exemplo, após serem expurgados de suas famílias acabavam vivendo às margens da sociedade como mendigos:

Em razão das circunstâncias creadas para o doente de lepra evitado ou repellido pelos seus e, não raras vezes até pelos seus familiares, e na impossibilidade de prover à sua subsistência com o seu próprio trabalho, que lhes era geralmente defeso, recorriam, os hansenianos, habitualmente, à mendicância. (SERVIÇO NACIONAL DE LEPROSIA, 1944, p. 68. Grifo Nosso)

A pobreza também é destacada por Elias como uma (não a única) causadora dos padrões de estigmatização: “Sobre alguns aspectos, eles são iguais no mundo inteiro. A pobreza – o baixo padrão de vida- é um deles.” (ELIAS, 2007, p.29). Assim, comprova-se o que afirmam Faria, Castro e Menezes:

Em meados da década de 20, havia uma pandemia de hanseníase em vários estados brasileiros. As estatísticas da época, por certo, estimativas grosseiras e subestimadas, apontavam aproximadamente 15 mil hansenianos em todo o país, sendo **90% pobres ou miseráveis**. (FARIA; SANTOS e MENEZES, 2008, p. 169. Grifo Nosso)

Com o advento das Sulfonas³ foi possível uma lenta e gradual mudança nas políticas públicas que envolviam o isolamento compulsório dos doentes, que foi abolido no Brasil por lei em 1962. O processo de mudanças em relação ao controle da doença se deu a partir da década de 1960. Cabe destacar que com o

³ Um novo tipo de medicamento que se mostrou eficaz no tratamento da doença.

fim deste “regime” médico os doentes poderiam sair do local onde estavam internados e voltarem somente para o tratamento, que também poderia ser realizado nos centros de saúde. No entanto, muitas destas pessoas optaram por permanecer nos leprosários, por não terem abrigo fora dali ou por não conseguirem se manter com o dinheiro que recebiam de auxílio do governo. As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pela atuação mais reforçada das Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, além disso, novos medicamentos e formas de tratamento como a Poliquimioterapia e a Fisioterapia também contribuíram para melhoria no atendimento dos doentes. Durante os anos 80 se buscou resgatar os direitos sociais da população brasileira e, dentro desta perspectiva, encontrava-se a oportunidade de repensar a situação dos pacientes que ficaram anos internados nos antigos leprosários, surgindo, assim, organizações ativas até os presentes dias como o MORHAN (Movimento de Reintegração das pessoas atingidas pela Hanseníase), sendo mais uma vez possível relacionar à análise do que Elias chama de contra-estigmatização dos antigos outsiders, ou seja, “[...] dos representantes de grupos outsiders que passam a fazer parte de um novo estabelecimento, integrando posições que lhes antes lhes eram negadas...” (ELIAS, 2000, p.36). Considerando esta criação de imaginários sociais que levam, dentre outras questões, a medos, a seguir serão analisados os textos de Barry Glassner e Alessandro De Giorgi, que levaram a melhor compreensão da relação entre a criação destes medos e o fortalecimento dos modos de controle nas sociedades.

Alessandro De Giorgi e Barry Glasner: Cultura do Medo e Tolerância Zero

Os estudos de Alessandro De Giorgi, embora escritos em períodos diferentes do atual momento, podem ser diretamente relacionados com os atuais

movimentos migratórios mundiais, principalmente nos Estados Unidos e Europa, frutos não apenas de questões econômicas, mas também políticas, militares e culturais. Sua análise trata especificamente desta ampliação do objeto de discurso, estudando as migrações extracomunitárias e explicando, assim, o que está por detrás das principais agências de controle social e das políticas públicas que envolvem estas questões. O autor inicia a discussão falando sobre como todos os países são, ao mesmo tempo, pontos de partida e destino de imigrantes e, no que tange à situação econômica e busca de melhores condições de vida, isso é um fato que se repete há tempos, pois por mais pobre que um país seja, existem outros em situação mais difícil. Tratando mais diretamente sobre o caso da imigração na Itália, De Giorgi afirma que tal país possui aspectos que o diferenciam dos demais países europeus e dos Estados Unidos, um destes é referente a como até os anos 1970 o país tinha um contingente muito maior de pessoas que saíam do mesmo, tanto para outras regiões da Europa quanto para a América em geral e nos últimos anos tem se tornado ponto de destino de imigrantes. (DE GIORGI, 2010, p.83-84). Segundo o autor, as migrações dos últimos anos se diferenciam dos movimentos migratórios anteriores: “Se pasa de una migración incentivada para una migración que llega para ofrecer trabajo”. (DE GIORGI, 2010, p.85). De Giorgi afirma que durante os anos 50 e 60 houve um incentivo para imigração ligado à necessidade de suprir a mão de obra local, permitindo que se estabelecesse certo nível de integração social, não gerando, assim, medos e problemas desta ordem. Nas décadas seguintes, no entanto, os mesmos países que solicitavam mão de obra estrangeira passaram não somente a limitar e reduzir como também a evitar ao máximo a entrada de estrangeiros dentro de seus territórios, acusando como justificativa (também repassada à população local) dentre outras questões, fatores

relacionados à segurança econômica e até mesmo física. Tais justificativas são alimentadas por políticas de **controle social** e acordos entre países próximos, como o acordo de Schengen e o Tratado de Maastricht, que “[...] hacen referencia en general a temas de cooperación policial para la seguridad interna e internacional. (DE GIORGI, 2010, p.89). Deste modo, os cidadãos destes países podem circular de maneira mais livre entre um país e outro (dentre os que estão inseridos no acordo) e há uma intensificação do controle às demais nações que não fazem parte dos mesmos. Este controle leva ao difícil acesso dos imigrantes, que devem cumprir inúmeras exigências sem a garantia de que, ao se “estabelecerem” nos países, conseguirão ali permanecer. É neste momento que cabe analisar e estabelecer um diálogo entre a os estudos de De Giorgi e as considerações de Barry Glassner sobre a chamada “Cultura do Medo”. Cria-se nestes países uma verdadeira “guerra” aos imigrantes e mecanismos não só de controle, mas também de intervenção direta na vida destas pessoas, assim como foi com os doentes de lepra no Brasil. Sem anacronismos, considerando aqui a questão de criação de imaginários sociais que permitem que as forças dominantes mantenham seu controle, pode-se considerar que, na Europa, especificamente com o que aponta De Giorgi, na Itália, mas também em todos estes países, criam-se **pânicos** na população e estes mesmos pânicos nem sempre precisam de fundamento válido para se disseminarem. Cria-se, como diz Elías, a visão de vilões aos que não pertencem àquelas nações, levando-os à condição de Outsiders. A população local, ao mesmo tempo, é alimentada diariamente por ideias que favorecem a

criação de estigmas aos estrangeiros. Estes medos, mesmo infundados⁴, exercem grande influência nas relações sociais: “[...] baseado em estimativas irrealistas, é fonte de sofrimento e determina políticas equivocadas.” (GLASSNER, 2003, p. 12). Tal indução de tantos medos na população muitas vezes contribui para que as causas do mesmo se materializem, como por exemplo, dos doentes de lepra, que eram vistos como portadores de um mal irreparável à nação e muitas vezes fugiam dos leprosários ou viviam na mendicidade indivíduos que marginalizados, impedidos e sem condições financeiras e sociais de conviverem com os “estabelecidos”, muitas vezes vêm na delinquência a única forma de sobreviverem: “Dê a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda esta expectativa.” (ELIAS, 2010, p.30). O fator que gera essa disparidade de condições de vida e a grande desigualdade social pode, também, ser responsável pela criminalidade, porém, poucas considerações são feitas a respeito disso pelos órgãos que levam as informações à população. Como afirma Glasner: “Quanto maior a diferença entre ricos e pobres em uma sociedade, maiores são os índices de mortalidade [...]” (GLASSNER, 2003, pgs 27- 28). Concluindo a análise, Glassner aponta como estes mesmos medos são muitas vezes produzidos e disseminados através da mídia. A motivação para continuar perpetuando estes medos e para que a população ainda acredite, segundo o autor, se relaciona: primeiro ao fato das tensões pré-milenárias que são uma tendência da própria humanidade e, segundo, porque é um negócio lucrativo para uma variedade de grupos dominantes ideológica, política e economicamente como empresas, organizações, seitas, partidos políticos e para a mídia. São medos e estigmas que se perpetuam e se materializam, desde a visão

⁴ Vide os estudos sociais que De Giorgi aponta, que confirmam o fato, por exemplo, de que os imigrantes muito raramente cometem crimes hediondos, uma vez que os registros de crimes cometidos são, em maioria, ligados à

sobrevivência, como pequenos furtos e, em alguns casos, envolvimento com drogas, porém, um crime cometido por um imigrante, mesmo em situações iguais à população local, consiste em punição muito maior (DE GIORGI, 2010, pgs 100-108)

remota aos tempos bíblicos dos doentes de lepra e demais doenças tidas como epidemias mundiais às populações em busca de refúgio e uma vida melhor, como a Europa hoje, e são justificadas por instâncias oficiais como questões ideológicas, culturais e econômicas.

Considerações finais

O principal objetivo do presente trabalho consistiu em compreender o conceito de político para além de questões partidárias pelo poder. Analisando todas as esferas que permeiam a vida humana em busca do que Rosanvallon chama de uma “História Política Total”, destacando que para o autor o chamado “retorno ao político” estaria diretamente ligado à centralidade em torno da democracia e sua problemática natureza, devido a ascensão do nacionalismo e as crises dos Estados de bem estar social, estabelecendo que um dos objetivos primordiais da história filosófica do político é compreender como uma época, um país, ou grupo social tenta construir respostas para os problemas. Para isso, destaca que se deve voltar a atenção para além dos chamados “grandes textos”, voltando-se, também, para as ideias forjadas na imprensa, nas obras literárias e movimentos de opinião, analisando igualmente panfletos, discursos parlamentares, emblemas e signos.

Tendo em vista tais questões, buscou-se estabelecer um diálogo entre os autores que, de diferentes formas e abordagens, analisam e buscam uma melhor compreensão de contextos e movimentos culturais, sanitários, políticos, sociais, econômicos e também psicológicos que estão envolvidos nos processos humanos, observando questões interligadas que vão desde a análise do processo civilizador e dos momentos em que os seres humanos pensam e agem em nome de si e dos demais até a atual cultura do medo.

Deste modo, pode-se compreender que o Político abrange muito mais questões do que as velhas

ideias de senso comum relacionadas ao se pensar em política. A formação e as extensões do Político estão presentes desde as notícias midiáticas às quais se tem acesso até as expressões de sentimentos dentro de um campo de futebol, em casa e nas relações sociais diárias, no contato com os imigrantes e pessoas “diferentes”, no uso de termos para referência às ideias e vontades, na construção de discursos como o médico- trabalhado em minhas pesquisas- e nas diversas formas de relação social as quais somos inseridos desde os nossos nascimentos. Conclui-se também que, com os olhos atentos para estas questões, muitas perspectivas e novas análises podem ser acrescentadas e desenvolvidas no ofício do historiador, inclusive na compreensão de fatos do tempo presente, como os movimentos sociais, migratórios e demais acontecimentos que fazem parte de todas as esferas do político.

Referências

- CABRAL, Dilma. **Entre ideias e ações:** medicina, lepra e políticas públicas de saúde no Brasil (1894-1934).421 pgs. Tese de Doutorado. UFF. Rio de Janeiro. 2007.
- DE GIORGI, Alessandro. **Tolerancia Cero:** Estrategias y prácticas de la sociedade de control. Tradução do italiano de Iñaki Riviera Beiras e Marta Monclús Masó. Barcelona: Imprenta Luna, 2010,
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L; RIBEIRO. **Os Estabelecidos e ou Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador:** Formação do Estado e Civilização. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993. v.2
- FARIA, Lina; MENEZES, Ricardo Fernandes de; SANTOS, Luiz Antonio de Castro. Contrapontos da história da hanseníase no Brasil: cenários de estigma e confinamento. **Revista Brasileira de Estudos da População.** jan- jun. 2008, vol.25, n.1, pp. 167-190.
- GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo.** Tradução de Laura Knapp. São Paulo: W11 Editores LTDA, 2003.
- ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do**

político. Tradução de Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010. 102p.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Pontes e Muralhas:** diferença, lepra e tragédia no Paraná do início do século XX. 295 páginas. Tese (Doutorado em História). Unicentro. Guarapuava. 2007.

PEDROSA, Leila. Crenças das pessoas portadoras de hanseníase sobre sua doença: base para a compreensão de suas ações em saúde. 157 páginas. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto. 1991.